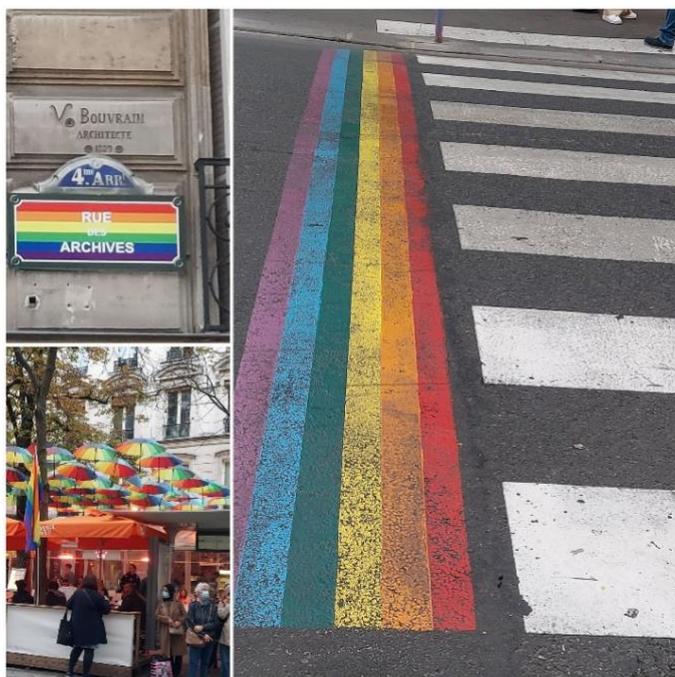


CIDADE “(RE)vestida”: uma apresentação

*Marluci Menezes
Rosemere Maia
Carlos Eduardo Santos Maia*

Organizado na sequência do volume dedicado ao tema “Corpo RE(des)coberto”, o presente dossiê – “Cidade (RE)vestida” – apresenta seis artigos que abordam a cidade a partir das múltiplas “peles” que a recobrem. O “corpo citadino” é analisado através das representações e não representações em festas, paisagens, ambiências, identidades, arquétipos, estereótipos, contradições, personagens, estilos, estéticas, políticas, modos e modas com que a cidade se mostra em diversos espaços e tempos. Através de um enfoque multidisciplinar, visa-se prosseguir, aprofundar e ampliar a linha de pesquisa sobre a relação corpo-vestimenta-cidade (MAIA, 2021), expondo relações forjadas no âmbito citadino que contribuem para a atração, a inserção ou o expurgo de determinados sujeitos sociais, para ampliação e afirmação ou restrição e negação de seu protagonismo político, bem como para a valorização ou obsolescência de dado espaço e/ou área urbana em um contexto em que, cada vez mais, a cidade é tomada como uma mercadoria, mas sem perder a sua proteiformidade.

Figura 1 – No Marais, em Paris, as cores da diversidade.



Fonte: Rosemere Maia (2021).

O ato de vestir as cidades, tal como sucede com o corpo humano, transcende a necessidade básica de proteção, assumindo significados culturais e simbólicos espacializados e temporalizados. A cidade (re)vestida manifesta-se, assim, como um texto que não só evoca práticas e modos de experimentar e territorializar, como salienta atos criativos, que contribuem para expor narrativas, memórias, paisagens, histórias, convites, performances, “ativismos”, denúncias e ambiências intrínsecos à urbe.

Figura 2 – Rua do Centro do Rio de Janeiro. Lojas que foram fechadas durante a pandemia, tendo sua fachada utilizada para exposição de produtos pelos ambulantes.



Fonte: Rosemere Maia (2021).

Figura 3 – Placa colocada em muro, na Praça da Sé, em São Paulo, para marcar a chacina lá ocorrida.



Fonte: Rosemere Maia (2021).

Figura 4 – Marcas que se encontram diante da Igreja da Candelária, no exato lugar onde, na madrugada de 23 de julho de 1993, oito pessoas foram assassinadas pela polícia (dois homens e seis adolescentes). Uma mácula na história da cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: Rosemere Maia (2022).

Figuras 5, 6 e 7 – Homenagem feita pela Prefeitura de Paris à Marielle Franco e estátua da vereadora, localizada no Rio de Janeiro. Marielle era vereadora e ativista dos direitos humanos, e foi brutalmente assassinada durante seu mandato. O crime ainda não foi esclarecido.



Fontes: www.hypeness.com.br, acesso em: 17 jan. 2020; e G1, acesso em: 27 jul. 2022.

A cidade (re)vestida manifesta, entificada ou representada no espaço – real ou virtual –, oferece possibilidades de leituras da paisagem e do modo de vida urbano, a partir da influência predominante ou cruzada de elementos naturais, tangíveis, intangíveis, socioculturais, ontológicos, morfológicos, políticos, econômicos, arquitetônicos, geográficos, territoriais etc. As cidades – a exemplo das pessoas – vestem-se e são (re)vestidas por meio de um processo de mudar e/ou sobrepor camadas à “epiderme”, fazendo lembrar as “cinco peles” da arte de Hundertwasser (RESTANY, 1987): a epiderme; o vestuário; a casa; o meio social; e o meio global.

Figura 8 – Marca de curso d’água escondida, representada na toponímia da cidade de Lisboa.

Figura 9 – Representações da dinâmica urbana nas fachadas de prédios lisboetas.



Fonte: Marlucci Menezes (2022).

Segundo a proposição do autor, a epiderme que protege a naturalidade do corpo nu é confrontada com as imposições do mundo social e do ecossistema, sendo coberta por uma segunda pele, a vestimenta que, entretanto, é perspectivada como um “passaporte social” (1987, p. 37). Para o artista, o corpo humano se expande e se conecta com o espaço e as ideias. As peles são, assim, como uma “espiral expansiva do indivíduo”, pelo que, a partir da relação com a epiderme e o vestuário, tem-se “a casa que o homem talha segundo a sua fantasia”, esta pensada como uma “extensão do vestuário que cobre” a pele biológica do indivíduo (RESTANY, 1987, p. 23), interagindo com o ecossistema, daí a importância dada pelo artista ao estabelecimento de irregularidades na arquitetura, contrapondo-se à racionalidade das linhas retas.

Figuras 10 e 11 – Materiais, tecnologias, usos, representações, histórias e narrativas assinalados em prédios e ruas de Lisboa e Setúbal.



Fonte: Marlucci Menezes (2022).

O meio social emerge como a quarta pele que, tratando da identidade social dos indivíduos, vai da “família à nação, passando pelas afinidades eletivas da amizade” (RESTANY, 1987, p. 11). A espiral expansiva de peles que se interconectam é, então, envolta por uma pele planetária, a quinta pele, e que reportada à ecologia e à humanidade, “diz diretamente respeito ao destino da biosfera, à qualidade do ar que se respira, ao estado da crosta terrestre que nos protege e alimenta” (RESTANY, 1987, p. 11).

Os artigos apresentados neste dossiê revelam as cidades como corpos complexos que, paradoxalmente, trazem consigo continuidades como transfigurações, espelhando um constante movimento que atualiza a necessidade de novos questionamentos sobre elas, tal qual refere-se Molina:

Toda cidade é viva. Olhos mais atentos podem vê-la respirar, seus poros se dilatando, algum tremor fugaz passando-lhe pela espinha e aquele pulsar, o seu pulsar – inaudito, inapreensível, impenetrável e, no entanto, em tudo presente [...]. Toda cidade é viva e tem uma pele – toque-a. Percorra-a. Deixe-se invadir pelas suas contradições, pelas marcas que o tempo cravou em seu corpo, pelos nomes que ela sussurra, pelo seu hálito. Toda cidade guarda perguntas. É preciso encontrá-las. (MOLINA, 2017, p. 17).

Podemos buscar muitas dessas perguntas e algumas de suas respostas nas “peles” que as cobrem. São suas cobertas, trajas, camadas e roupagens que revelam ou escondem fissuras e mazelas, mas que também podem ressaltar seus belos dotes, curvas e paisagens. O mundo social de quem as habita, utiliza e representa, declaram seu amor a elas.

Figuras 12, 13 e 14 – Nas ruas de Estrasburgo, a pobreza transmutada em paisagem.



Fonte: Rosemere Maia (2021).

Figura 15 – Os letreiros, surgidos em New York, na década de 1970, e reproduzidos em várias cidades do mundo, contribuem para criar, sobretudo no turista, uma imagem positiva e uma identificação com o lugar, além de servirem como estratégia de marketing para a “venda” das cidades.



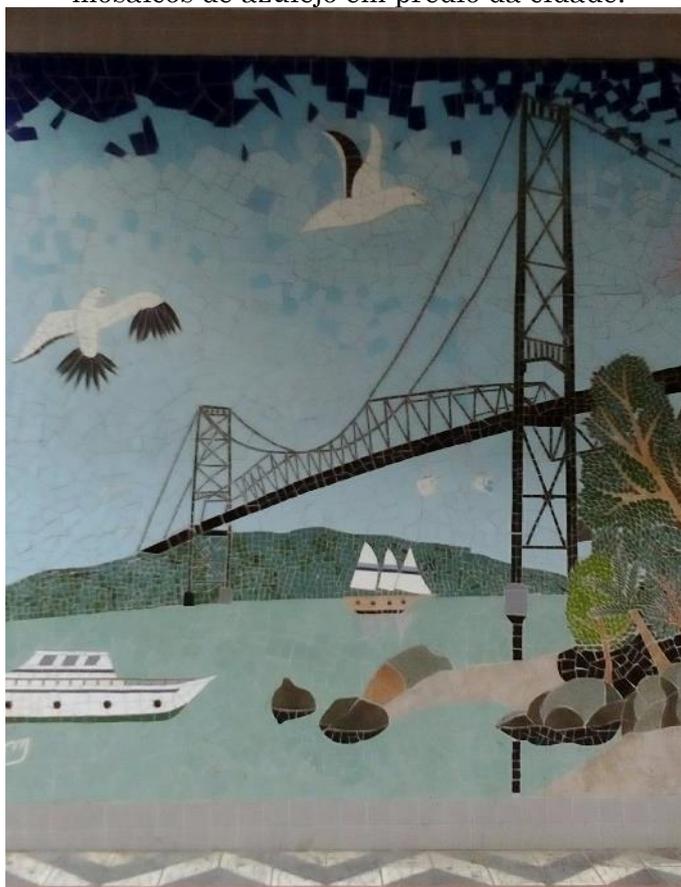
Fonte: <https://www.syracuse.com/news/2020/06/milton-glaser-dies-creator-of-i-love-ny-logo-was-91.html>. Acesso em: 10 jul. 2022

Figura 16 – Escadaria Selarón, Lapa, Rio de Janeiro. Coberta com azulejos doados ao seu idealizador – Jorge Selarón (artista chileno radicado no Brasil) –, por pessoas de várias cidades do mundo. Na mesma escada que contribuiu para revestir, o artista foi encontrado morto em 2013. O crime ainda não foi esclarecido.



Fonte: Rosemere Maia (2021).

Figura 17 – A paisagem de Florianópolis, em Santa Catarina (Brasil), representada em mosaicos de azulejo em prédio da cidade.



Fonte: Marluci Menezes (2018).

Figura 18 – Fotografias de cantores de fado impressas na fachada de prédios do bairro da Mouraria, em Lisboa.



Fonte: Marluci Menezes (2022).

As muitas cidades, como corpos que trazem consigo continuidades e rupturas, lidam com um constante processo de (re)criação, podem ter sua história captada e

narrada a partir das suas vestimentas, ainda que estas sejam hibridizadas pelas tantas capas virtuais a elas impostas pelo mundo contemporâneo. Por meio de caracterizações figurativas e festivas, fantasias e ficções, placas, desenhos, pinturas, grafites, cartazes, propaganda e publicidade, azulejos, picho, dispositivos tecnológicos e livros; estilos arquitetônicos, vitrines e decorações que estiveram ou estão na moda, ou mesmo através da pobreza desconcertante que ocupa as praças citadinas e macula sua imagem, seguem as cidades se renovando, criando narrativas, exibindo outras facetas.

Figura 19 – Placas na “Gay Street”, contemplando outras identidades durante a comemoração dos 50 anos da Revolta de Stonewall Inn.



Fonte: Carlos Eduardo S. Maia (2019).

Figura 20 – Exemplo de arquitetura hostil em São Paulo. Pedras colocadas pela Prefeitura para evitar a ocupação pela população em situação de rua. O padre Júlio Lancellotti, atuante junto a este segmento vulnerável, tomou a iniciativa de derrubar as pedras, atitude que ganhou destaque na grande mídia e a adesão de muitas organizações dedicadas à luta por direitos e justiça social.



Padre Julio Lancellotti postou foto nas redes sociais derrubando pedras com uma marreta (Foto: Reprodução/Twitter)

Fonte: Reprodução/Twitter.

Figura 21 – Em uma rua de Los Angeles, o banco (claramente inspirado no que se convencionou chamar de arquitetura hostil), também é utilizado para chamar a atenção da população sobre a violência doméstica.



Fonte: Rosemere Maia (2018).

Figura 22 – Um dos muitos fragmentos do muro que separava a Alemanha Oriental da Alemanha Ocidental.



Fonte: Rosemere Maia, Berlim (2015).

Convidamos os leitores a se debruçarem sobre os artigos que compõem o presente dossiê. Neles encontrarão perspectivas múltiplas sobre a temática, oriundas de campos diversos no âmbito das Ciências Sociais e Humanas. De modo a suscitar novas aprendizagens e novos questionamentos, desejamos a todos e a todas uma boa leitura!

REFERÊNCIAS

MAIA, Carlos Eduardo S. (Org.). *Corpos cobertos desnudando espacialidades: vestimenta, roupa, traje, fantasia e moda seis na Geografia*. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

MOLINA, Luísa. *A pele das cidades* (fotografias de Rinaldo Morelli). Brasília, DF: Edição do autor, 2017.

RESTANY, Pierre (1983). *O poder da arte Hundertwasser: O pintor-rei das cinco peles*. Germany: Taschen, 1983.

COMO REFERENCIAR

MENEZES, Marluci; MAIA, Rosemere MAIA, Carlos Eduardo Santos. Cidade “(RE)vestida”: uma apresentação. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 1, p. 03-13, 2022.